



HELOISA SEIXAS

O LUGAR ESCURO

UMA HISTÓRIA
DE SENILIDADE E LOUCURA

L I S B O A
T I N T A - D A - C H I N A
M M X V I I

Para Honorina e Márcia

© 2017, Heloisa Seixas
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6-A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Titulo: *O Lugar Escuro. Uma história
de senilidade e loucura*
Autora: Heloisa Seixas
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Maio de 2017

ISBN 978-989-671-373-7
Depósito Legal n.º 424162/17

*O escritor é um condenado, cuja alma é exposta
em praça pública como o corpo de um traidor.*

Foi no dia em que minha filha saiu de casa que minha mãe enlouqueceu.

Não foi gradual, era um sábado. Exatamente naquele dia, minha filha completava 22 anos. Sábado, 16 de fevereiro de 2002, oito horas da manhã. Talvez eu não pudesse precisar o momento se não fosse o aniversário, a mudança — mas foi como aconteceu. Minha mãe enlouqueceu num sábado de manhã.

Morávamos juntas, as três. Minha mãe com 79 anos, eu com 49, minha filha com 22. Mamãe passara uma semana viajando, em uma dessas excursões de terceira idade, em Caxambu. Chegara na véspera. Tínhamos acordado bem cedo, minha filha e eu, para esperar o caminhão da mudança e estávamos na sala, conversando, quando mamãe apareceu. Toda arrumada, a roupa impecável — sempre fora vaidosa —, a calça bege, a blusa estampada, o colar de marfim, tudo combinando.

Os cabelos bem penteados, um pouco de pó-de-arroz nas faces, batom. Sorriu ao nos ver. Notei que usava seu melhor par de óculos, um de aro irisado, parecendo

madrepérola, trazendo incrustadas nos cantos superiores duas pedrinhas de *strass*, como pontinhos de luz. Jamais usava aqueles óculos a não ser quando ia sair para algum lugar importante.

— Aonde você vai, mamãe?

Ela me olhou, ainda sorrindo, mas trazendo na testa os vincos que denotavam um começo de impaciência.

— Vou descer para tomar café, claro.

O silêncio que se seguiu àquela frase foi imenso, de uma tal densidade que era como se o universo fosse outra vez a bolinha de golfe que, dizem, era sua dimensão antes do *big bang*. Não sei quantos segundos se passaram. Sei que eu e minha filha nos entreolhamos. E se esse momento de silêncio e perplexidade hoje me parece tão tremendo é porque, enquanto durou, ainda tivemos o benefício da dúvida. Mas precisávamos fazer outra vez a pergunta, a frase absurda pairava no ar. E eu fiz:

— Descer para tomar café?

— É. Descer para tomar café!

E então entendi tudo. Quando estamos hospedados num hotel, acordamos, mudamos de roupa e *descemos para tomar café*. Depois de uma semana em Caxambu, minha mãe pensava que ainda estava no hotel.

Naquele instante, com uma lucidez imensa, tive a dimensão do que estava acontecendo. A atitude de minha mãe era a prova inequívoca de que algo se rompera em sua mente. Fios microscópicos chicoteavam soltos no misterioso universo de seus neurônios. Um salto fora dado.

Ainda tentei temporizar, explicar-lhe a situação. Ela até recebeu bem minhas argumentações. Sorriu, sem

graça, murmurando «que bobagem, eu me enganei». Mas era tarde, a fronteira fora transposta.

Depois desse diálogo, minha mãe se afastou e, parecendo um pouco confusa, voltou para o quarto. Eu e minha filha continuávamos perplexas, sem saber o que pensar. De repente, minha filha se levantou e, a caminho do próprio quarto, cruzou com mamãe no corredor. Esta olhou-a casualmente e a cumprimentou — mas não disse seu nome. Disse o nome da amiga com quem estivera hospedada no hotel.

Ela continuava em Caxambu. Era uma viagem sem volta. Minha mãe começava a trilhar seu caminho de sombras.

Aquele foi o instante da explosão, o marco zero. Pela primeira vez, minha mãe falava a linguagem dos loucos — daqueles que enxergam o que não há. Dali em diante, cairíamos — minha mãe e todos que estávamos à sua volta — em uma espiral assombrada, feita de vertigem e dor, que giraria cada vez mais rápido, apagando o real. Mas, se aquela manhã de sábado é para mim um símbolo, hoje sei que tudo começou muito antes, talvez uns cinco anos antes ou até mais do que isso. Só que, então, eu não entendia direito o que estava acontecendo.

Um dos primeiros sintomas foi a mudança de temperamento. Algo sutil, que atribuí à idade, mas que aos poucos se foi encorpando, ganhando contorno. Por toda a vida, minha mãe fora dessas pessoas que têm prazer em se sacrificar pelos outros. Em tudo, nas mínimas coisas.

Aquela que, à mesa, deixa que todos se sirvam do frango e fica com o pior pedaço.

— Não faz mal, eu gosto de qualquer um — dizia, em um exercício permanente de magnanimidade, capaz de humilhar quem estava em torno.

Por causa disso, cresci com um permanente sentimento de culpa. Eu gostava do peito, da carne branca. Ficaria furiosa se me deixassem a asa, o sobre, a pele da galinha. Eu queria o melhor para mim. Mas como minha mãe era diferente — e a mãe é sempre a referência —, aquele querer o melhor se transformava, no meu íntimo, em sinais de egoísmo, exigências de menina mimada, voluntariosa. Minha mãe era tão boa que eu só podia ser má.

Outra característica marcante em minha mãe era sua coragem física, sua capacidade de suportar a dor. Sabia fazer curativo, dar injeção, não tinha medo de ver sangue, dizia que ao ter filho não sentira nada, que essa conversa de dor do parto era exagero de mulher.

— Só senti vontade de me espremer, mais nada — garantia, acrescentando que, segundo o médico, tivera uma «dilatação silenciosa».

Anos depois, quando chegou minha vez de ter bebê, depois de nove meses de exercícios para aprender a técnica do parto-sem-dor e da respiração-cachorrinho, a preparação de nada adiantou: lá estava eu, furiosa em cima de uma cama, gritando de desespero, implorando por anestesia. A cada dilatação, era como se mil ferros em brasa me rasgassem o ventre. Tinha a impressão de que ia desmaiar de tanta dor, enquanto olhava de soslaio para minha mãe, pensando: *Ela só pode ter mentido.*

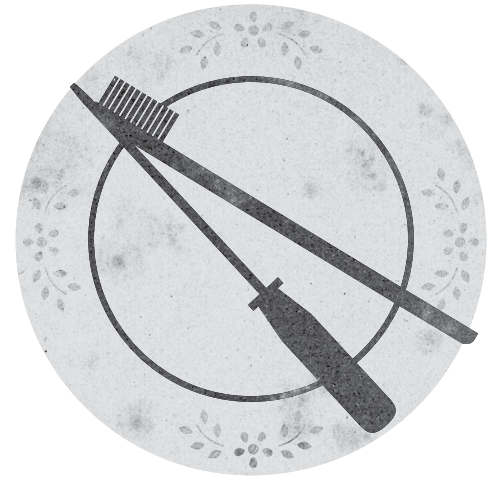
Mamãe se dizia capaz de suportar não só as dores físicas, mas também as morais. Tinha uma expressão que adorava repetir, sempre que alguma coisa dava errado com ela:

— Não faz mal. Minhas costas são largas.

Tinha, de fato, os ombros largos, as espáduas graúdas, mas usava essa expressão para dizer como era grande a sua capacidade de suportar o peso da vida, as pancadas, as injustiças. Principalmente as injustiças. Em comparação, eu — que tenho ombros estreitos — me sentia diminuída, fraca, ao ouvir aquilo.

Por trás de seus comentários, havia sempre uma atitude de mártir. Parecia alimentar dentro de si própria uma reverência aos percalços que enfrentava, como se tivesse um apego à dor. E o curioso é que, olhando para trás, vejo pouco sofrimento em sua vida.

Perdeu os pais quando já eram velhos, com mais de 70 anos (ambos tiveram mortes rápidas, sem sofrimento), e todos os seus cinco irmãos viveram bastante (três deles ainda estão vivos). Ela própria nunca teve problemas de saúde. Nunca foi rica, mas tampouco foi pobre. Teve dois filhos sem problemas graves e contou com sogro e sogra para cuidar destes quando eram pequenos, de forma que ela, mamãe, podia sair e se divertir à vontade — e, quando digo «se divertir», estou falando de idas semanais às grandes boates do Rio, onde ela e meu pai se esbaldavam de dançar, isto nos anos 50, no apogeu dos chamados «anos dourados». Minha mãe se casou com um homem que amava muito e teve, enquanto foi casada, uma vida sexual altamente satisfatória, pelo que ela própria dizia, sem qualquer pudor. Ou seja: foi feliz.



O LUGAR ESCURO

foi composto em caracteres Hoefler Text e
impresso pela Rainho & Neves, Artes Gráficas
sobre papel Coral Book de 80 g,
no mês de Abril
de 2017.